

Empresários definem hiperinflação como "grande psicose"

por Luis Leonel
de São Paulo

A situação econômica do Brasil está mais longe da vivida pela Argentina do que estão apregoando as vozes mais exaltadas, que teimam em mostrar que a hiperinflação argentina é só o prelúdio da brasileira. Foi, em síntese, esse o principal componente da exposição de uma hora e meia feita ontem à noite pelo ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a uma seleta platéia de doze empresários, em Brasília.

Um deles, o presidente da Gradiente, Eugênio Staub, disse que a exposição do ministro foi muito convincente. Mailson acompanhou seu discurso de um conjunto de indicadores que apontam que "a situação do País não é tão ruim quanto parece", afirmou Staub. "A atual conjuntura não justifica essa psicose de hiperinflação."

O ministro mostrou aos empresários que o déficit público, pelo conceito operacional — exclui os pagamentos das dívidas interna e externa —, foi, no primeiro trimestre deste ano, bem menor que o registrado no mesmo período do ano passado. Para um déficit de 0,13% em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) em 1989 tem-se um de 0,39% em 1988. Mailson garantiu que o déficit acumulado até o final do ano não deverá superar a marca dos 6% do PIB, pelo conceito operacional.

"É bastante, mas não é explosivo", disse Staub. O empresário explicou a este jornal que, embora a redução do déficit seja sempre pedida pelo setor empresarial, "ela não pode ser feita de uma só vez". A previsão de 6% para 1989 foi considerada "aceitável" por Staub.

"Não tenho procuração para falar em nome dos outros presentes ao encontro, mas senti que todos ficaram bastante tranquilizados com a exposição do Mailson", afirmou o presidente da Gradiente. "As cifras indicadas pelo ministro não mostram um país a caminho da hiperinflação", disse o presidente do grupo Brasmotor (Bras-temp, Consul e Embraco), Miguel Etchenique, à reporter Teresa Cristina de Paula.

RESULTADOS

Mailson expôs que o aumento da arrecadação tributária, em junho, foi 21% superior à meta que tinha o governo; que houve recuperação do nível de atividades industriais e de salários neste ano; que as contas do Tesouro mostraram uma queda nas necessidades de financiamento; e que as despesas ordinárias do governo foram 29% menores no primeiro semestre de 1989 em comparação



Eugênio Staub

com o mesmo mês do ano anterior.

Na reunião de anteontem, o documento elaborado há pouco menos de um mês por empresários para ser entregue ao Congresso — e que apontava as causas e as saídas para a inflação — sequer foi comentado no encontro com Mailson. "Nos esquecemos completamente dele", assegurou Staub.

SEM CONGELAMENTO

De acordo com Staub, o ministro também garantiu que não haveria qualquer congelamento de preços neste ano, antes das eleições presidenciais, e que o pagamento dos juros da dívida externa seriam feitos "sem qualquer sacrifício das reservas nacionais". Ainda sobre as reservas, Mailson teria garantido que elas subiram 10% de 1º de julho até anteontem, por conta da desvalorização cambial de 11,98%.

Mailson pediu aos empresários que o apoiassem, não apostando na hiperinflação. Não pediu, porém, diretamente, que os empresários evitassem a remarcação alucinada dos preços, como ocorre na hiperinflação. "Ele não pediu explicitamente, mas implicitamente foi esse o apelo que ele nos fez", disse Staub.

Segundo Etchenique, Mailson mencionou uma gradativa retirada dos subsídios aos preços e tarifas públicas. O preço do aço, segundo explicou o presidente do grupo Brasmotor, seria um dos que sofreriam esse aumento para corrigir distorções estabelecidas pelo controle governamental. Além do aço, estaria na lista de prioridades do governo a recuperação dos preços dos derivados de petróleo e da gasolina.

"Nós cobramos do governo uma maior transparência na recuperação desses preços", disse Staub. A reunião, que durou quatro horas e terminou às 24h20, foi considerada "muito positiva" pelo presidente da Gradiente. "Ele nos mostrou que não era hora de se pensar em apertar o botão do pânico."